

SALA DE ESPERA COM GRUPO DE MÃES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA

Gracielle Malheiro dos Santos¹
Leonídia Aparecida Pereira da Silva²

RESUMO

Um filho diagnosticado com algum tipo de deficiência modifica a dinâmica familiar, demandando que algum dos familiares assumira a função de cuidador. Esse cuidador pode ou sozinho ou de forma compartilhada realizar os cuidados, no entanto, sua vida social, profissional e pessoal, podem ficar em segundo plano, causando sobrecarga física e emocional. O objetivo deste trabalho é relatar a experiência da realização de ações de promoção em saúde em sala de espera com um grupo de mães-cuidadoras de crianças e adolescentes com deficiência em um serviço de atenção integral à pessoa com deficiência. Foram realizadas três ações com duração de cerca de uma hora onde a quantidade de participantes oscilou entre seis a dezessete. Foram fonte desse trabalho os diários de campo dos estudantes de psicologia que conduziram a sala de espera. Adotando como base teórico-metodológica a Educação Popular freiriana, a realização da atividade contou com as seguintes etapas: reconhecimento da realidade; aproximação com o grupo; planejamento das atividades e a aplicação de dinâmicas participativas visando o compartilhamento e a identificação de problemas, além do acolhimento e intervenção frente às demandas expostas. Foram identificados aspectos positivos a partir da sala de espera com os participantes. Reconhece-se a importância desse tipo ferramenta na produção de saberes, atravessada por uma escuta que permite a identificação das demandas próprias do grupo dentro da instituição, de seus integrantes e as interseccionalidades com suas vidas e no que tange o cuidado e seus desafios.

Palavras-chave: sala de espera, familiar cuidador, mãe, deficiência, promoção em saúde.

INTRODUÇÃO

A sala de espera se mostra um território possível para a realização de ações de promoção em saúde. O seu potencial está em sua própria composição: um local que objetiva abrigar um considerável número de pessoas que estão aguardando por atendimentos na área de saúde e que se configura de acordo com as características do serviço prestado. Devido a essa conformação, a sala de espera, pode ser concebida como uma ferramenta de trabalho para a realização de intervenções que tenham como foco o grupo de pessoas que se faz presente nesse local. Ela é capaz de proporcionar aos usuários e profissionais experiências de

¹ Docente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Educação e Saúde, Campus de Cuité-PB, Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP); granut@gmail.com;

² Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Residente de Psicologia da Residência Multiprofissional em Saúde da Criança (REMUSC/SES-PB), leonidiapereira1@gmail.com;

acolhimento, aprendizado, promoção à saúde a nível individual e coletivo. Repercutindo na amenização do desgaste emocional e físico que possa se fazer presente frente à expectativa pelo atendimento (SILVA et al, 2013; BECKER, ROCHA, 2017).

Outro diferencial dessa ferramenta é sua relevância no desenvolvimento de habilidades para o trabalho em e com grupo, propiciando o despertar para o agenciamento de soluções e de transformação para o sujeito, o serviço (dimensão institucional), a equipe, o grupo, e para quem a conduz. Os temas tem muitas interseccionalidades o que permite maior compreensão sobre o que se passa consigo, com o outro e dentro da instituição, facilitando as dimensões individuais, coletivas e institucionais. Contempla espaços de fala e escuta, pautados pelo reconhecimento da autonomia dos integrantes de modo a favorecer o aumento da clareza sobre os procedimentos, fluxos, mas também, acarretando em pertença, autonomia, vínculos e relações. Nesse viés, apresenta o potencial para transformar não apenas a realidade do coletivo de usuários, mas também a realidade dos sujeitos implicados com a realização dessa tarefa que é a de trabalhar com grupo nesse contexto, assim como os trabalhadores e a própria instituição.

Partindo da dialética e dialógica dos espaços circulares de escuta e fala de organização popular propostos a partir da Educação Popular freiriana, estudantes do curso de graduação em psicologia da Universidade Federal de Campina Grande propuseram como intervenção a sala de espera, como espaços circulares de aprendizagem e acolhimento a mães-cuidadoras em um serviço de atenção integral à pessoa com deficiência, localizado no município de Campina Grande-PB.

Todas as cuidadoras dos usuários eram do sexo feminino e todas mães, mesmo que não haja essa prerrogativa da instituição, esse perfil é a primazia. Destaca-se que a realidade dessas mulheres se caracteriza pela necessidade de permanência por um turno ou dois nessa sala devido ao fato de residirem em municípios circunvizinhos, terem dificuldades quanto à transporte, à distância e a fragilidades socioeconômicas.

Diante desse contexto, há de se ponderar que no caso dessas mães-cuidadoras, existe uma extensão do tempo em que as mesmas ficam na sala, aguardando não apenas pelo atendimento do seu filho, mas também pelos atendimentos das outras crianças e adolescentes que vão e voltam juntos no transporte público disponibilizado pelo seu município de origem. Ficando clara então a necessidade de se desenvolver ações voltadas para tais familiares, uma vez que mediar o desenvolvimento e as potencialidades dos sujeitos atendidos não envolve apenas trabalhar com os mesmos, mas também com suas famílias. Além disso, vale destacar

que o referido serviço, devido ao elevado número de demandas somado ao número pequeno de funcionários passou a não mais oferecer atividades específicas para essas mães.

Nessa tessitura, visando proporcionar uma melhor visualização acerca do contexto no qual se encontram essas mães-cuidadoras que ficam na sala de espera tem-se que a mesma se localiza próxima à recepção, tem o formato quadrangular, dispendo de uma pequena janela, sofás e cadeiras organizados rente às paredes, uma televisão, alguns brinquedos que ficam na porção final do cômodo. Em uma bancada fica o telefone que serve para os setores do local avisarem qual a próxima criança ou adolescente que será atendido.

Por sua vez, a sala onde ficam essas mães-cuidadoras e os usuários do serviço, foi identificada como um lugar possível para a realização de ações de promoção à saúde dado o problema aqui exposto. De forma tal que coaduna com a potencialidade desse local para práticas que promovam novos territórios de saúde, com o descobrimento e a invenção de possibilidades de acolhimento grupal para os usuários do local, proporcionando não uma configuração de programa ou atuação específica, mas sim, de construção de um novo posicionamento nos processos de trabalho e formação (SILVA et. al., 2013). Essa perspectiva é importante porque vai de encontro com a ideia da ação com e no coletivo com vistas a tentar auxiliar na aquisição de novos saberes ou até mesmo na sua resignificação a partir da problematização da vida cotidiana a fim de buscar a explicação e a solução sobre a sua realidade segundo a práxis do sujeito de forma que este também seja transformado, conforme propõe Paulo Freire (FREIRE, 1994; BERBEL, 1995 e 1999; ZANOTTO, ROSE, 2003).

Acrescenta-se que essa proposta para o trabalho em questão se torna relevante não por utilizar a sala de espera em si, mas sim por reconhecer e concordar que ali é um lugar de possibilidades e não de anulação dos sujeitos (RODRIGUES et al., 2009). Considerando a sala de espera alvo das ações aqui percorridas como sendo um espaço movimentado, com mães, crianças e profissionais o que faz com que proporcione encontros em que histórias aparentemente comuns entre os sujeitos, atravessam a barreira do particular para serem objetivadas em um momento público e ao mesmo tempo subjetivo. Podendo assim ser criadas aberturas para trocas e formação de estratégias de enfrentamento do sofrimento, dificuldades e de compartilhamento da vida (SILVA et al., 2013).

Frente ao que foi até aqui exposto, justifica-se a importância máxima de promover grupos de apoio e/ou perspectivas similares voltadas para se trabalhar com as mães-cuidadoras tais como a perspectiva promovida pela intervenção relatada no artigo em questão. Assim, se faz necessário trabalhar com essas mulheres no sentido de promover espaços em que elas possam falar, refletir, trazer questões subjetivas de modo a despertar não apenas a sua

identidade de mãe e/ou de cuidadora, mas também de outros lugares que elas ocupam no mundo e passem a cuidar também de si e a trabalhar a sua autoestima.

Desta forma, a intenção foi tentar mobilizar nessas mães por meio da escuta e da compreensão de suas demandas, a problematização, reflexão e intervenção em torno de suas experiências relatadas. No intuito de quem sabe daquele espaço compartilhado pudessem ser tecidas soluções, discussões, experiências concretas e subjetivas.

Nesse sentido, o objetivo geral do trabalho em questão é relatar as experiências vivenciadas na realização de ações de promoção em saúde em sala de espera que tiveram como público-alvo as mães-cuidadoras de crianças e adolescentes atendidas em um serviço de atenção integral à pessoa com deficiência de modo a proporcionar espaços de discussão e acolhimento, em que as mesmas pudessem falar e ser ouvidas. Dizendo respeito então a proposta do presente artigo no sentido de utilizar a sala de espera de mães, crianças e adolescentes como sendo um espaço possível de troca e de construção de saberes.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência sobre a realização de ações de promoção à saúde em sala de espera para mães-cuidadoras de crianças e adolescentes com deficiência. Foram realizadas três ações onde a quantidade de participantes oscilou entre seis a dezessete, ocorrendo entre vinte e dois de fevereiro de dois e mil de dezessete a oito de março do referido ano.

Os dados analisados tiveram como fonte os diários de campo dos estudantes de psicologia que conduziram as ações, as quais tinham duração de cerca de uma hora. No total foram três encontros direcionadas para a escuta, acolhimento e apoio psicológico. Utilizou-se de recursos terapêuticos com a finalidade de aumentar o acolhimento, facilitar a fala, acolher as emoções e de produzir a discussão e a problematização das tensões vivenciadas/compartilhadas naquele local.

Destaca-se a sistemática adotada a qual se deu da seguinte forma: reconhecimento da realidade; aproximação com o grupo; planejamento das atividades e a aplicação de dinâmicas/atividades participativas visando o compartilhamento e a identificação de problemas, além do acolhimento e intervenção frente às demandas expostas.

Por fim, em cada encontro havia uma tentativa de amarração das falas, assim como havia espaço para se avaliar os próprios encontros por meio de percepções e opiniões das participantes. Fazendo-se importante ressaltar aí o uso de alguns materiais tais como:

cartolina, caixa com objetos, caixa com espelho, além de recursos audiovisuais como data-show, notebook, caixa de som, vídeo e músicas.

A metodologia do trabalho deu-se com base no arcabouço teórico-metodológico de Paulo Freire sobre a pedagogia da problematização. De forma tal que foi organizada a sua realização conforme suas características básicas, atribuindo um nome para cada momento, caracterizando-se pela seguinte sistemática: Em um *primeiro momento* (22 de fevereiro de 2017) ocorreu a *identificação da realidade* por meio de visita ao serviço de atenção integral à pessoa com deficiência para confirmar a problemática e tentar justificá-la. Com o intuito de compreender melhor a demanda, os profissionais que atuavam no serviço direta e indiretamente foram ouvidos, assim como o próprio grupo de mães onde por meio de uma conversa, a proposta foi apresentada a elas, sendo bem recebida pelo grupo. No *segundo momento* (1 de março de 2017) que seria algo próximo à “teorização e investigação” apreendeu-se que há esse movimento tanto em relação à formação e ao trabalho em equipe, que engloba tanto *os momentos de planejamento, organização e avaliação*, os quais foram realizados por meio de todas as reuniões e conversas realizadas pelo grupo condutor antes, durante e após as atividades; como aquele relativo ao grupo de mães-cuidadoras, afinal há o reconhecimento de ser eminente o estímulo, a síntese e a análise sobre os temas e os momentos através do que vem à tona pelo grupo e no grupo, ou seja, era um “movimento” assumido como uma “postura” de trabalho, a “Identificação-Problematização-Solução” de Paulo Freire (1994). Esta ideia mesmo que seja uma base orientou o grupo condutor, porém com certas contingências de ordem teórica e prática obviamente.

O *terceiro momento* (8 de março de 2017) foi algo próximo à proposta de Paulo Freire ao que tange a “elaboração das hipóteses de solução e aplicação à realidade ou ação concreta”. Caracterizaram-se pelo planejamento, organização, realização e avaliação das ações realizadas no e com o grupo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dois primeiros encontros trataram da “entrada” dos estudantes de psicologia nesse novo território que envolve o grupo de mães-cuidadoras em uma sala de espera. Desse modo, realizou-se num *primeiro momento* uma visita a esse território, além de uma conversa com profissionais da equipe de psicologia e do serviço social da referida instituição, bem como com o próprio grupo de mães. Esse contato inicial possibilitou o estabelecimento de um contato com o grupo de mulheres em sala de espera.

Em seguida ocorreu o planejamento e a realização de atividades visando proporcionar espaços de fala para essas mães-cuidadoras a fim de que elas mesmas mostrassem quais eram as suas demandas. Assim, realizou-se o *segundo momento* que se organizou da seguinte maneira:

1. Apresentação, acolhimento e realização de atividades de “quebra-gelo”;
2. Atividade de identificação de problemas/demandas: “Caixas das histórias”;
3. Dinâmica deseje algo para alguém e avaliação da atividade.

Sequencialmente a ação ocorreu da seguinte forma:

Entrada na sala, seguida de cumprimentamos àqueles que estavam presentes onde desde o início uma das mães demonstrou aversão à presença do grupo condutor e quando a assistente social explicou que tais estudantes estavam ali para realizar uma atividade com elas, foi então quando essa mãe saiu.

Foi explicado que seria iniciada a preparação da sala objetivando organizá-la de modo a ficar apta para a realização das atividades planejadas. Depois foi questionado a elas se queriam ficar sentadas no sofá ou se preferiam ficar de pé para formar uma roda e elas preferiram ficar sentadas. Para facilitar a atividade em círculo os facilitadores se aproximaram delas, se apresentaram e foi explicado que aquele seria um espaço de fala e de escuta reservado para elas falarem e se ouvirem. Uma das facilitadoras preparou outras atividades específicas para os filhos, logo que o espaço era compartilhado com os filhos. Visando principalmente atender aquelas mães que preferissem por querer preservar o que estava sendo dito e também, ter auxílio nos cuidados aos filhos para participar do momento.

Na sequência iniciou-se a condução do quebra-gelo. Elas demonstraram abertura para participar do quebra-gelo, riram bastante, a todo momento davam risadas da situação ou falavam coisas do tipo: “tô toda entevada”; “eita, que o trem é bom”; “não consigo fazer isso”; “que negócio engraçado”; “é bom pra relaxar”; “to tirando peso das costas”. No finzinho do quebra-gelo uma mãe precisou sair sem, no entanto, diminuir o ritmo da atividade.

Em seguida, realizou-se a dinâmica do objeto. Foi solicitado que cada uma falasse o seu nome e escolhessem um objeto da caixa, explicamos que tinham muitos itens, que elas podiam mexer e remexer a caixa para escolher o objeto. Destaca-se que cada participante foi nomeada com o nome de uma flor visando manter a sua identificação em sigilo. Nesse sentido, segue adiante a relação dos nomes das mães, bem como do objeto que cada uma escolheu: Girassol – panela; Margarida – celular; Violeta – boneca; Tulipa – participou do

quebra-gelo, mas teve que sair porque chamaram o filho dela para ser atendido; Orquídea - nenhum, não quis pegar objeto e nem falar, pois declarou que não conseguiria fazer nada porque o dia não estava bom; Gardênia – livro, chegou depois do quebra-gelo.

A pergunta norteadora intencionou compreender o motivo pelo qual cada uma havia escolhido aqueles objetos. A primeira que se dispôs foi Girassol (panela): “porque gosto de cozinhar, fui criada na roça e lá faltava água sempre então quando tinha água eu ficava muito feliz porque tinha como cozinhar, sinto o maior prazer em cozinhar, desde criança fui criada assim. Morei no Rio de Janeiro e lá vi que os velhos morrem logo, aqui não, aqui todo mundo faz alguma coisa, os velhos fazem alguma coisa, aqui eu cozinho pro meu marido, cozinho pra minha família, cuido da minha família. Cozinhar é o que eu mais amo fazer. Vim pra cá pra ajudar minha filha que tem problema, minha neta que é a filha dela também tem problema e o meu genro também, vim ajudar ela a cuidar do dinheiro dela porque ela não sabe administrar dinheiro e nem sabe cozinhar”.

Margarida foi a segunda a falar: “Escolhi o celular porque é minha atividade 24h, se eu ficar sem ele, morro. Gosto de ficar no Facebook, no Whatsapp. É como se fosse meu marido. Posso contar as coisas pra ele e ele não reclama, ele me ouve. Morava no Rio de Janeiro e vim pra cá porque arrumei casamento com meu primo”. Em seguida foi a vez de Violeta: “Eu escolhi a boneca porque eu não tive quase adolescência, nem infância porque casei muito nova, casei com 14 anos e com 15 já fui mãe e depois tive uma filha. Vejo minha filha brincando de boneca e vejo que ela tem infância e que eu não tive. E hoje sou mãe, cuido dos meus filhos, meu marido trabalha fora e sustenta a casa e eu cuido dos meus filhos”.

A última a falar do seu objeto foi Gardênia que chegou durante a fala de Margarida e demonstrou ser muito extrovertida, chegou perguntando o que estava acontecendo e foi explicado para ela rapidamente o que estava ocorrendo e foi perguntado se ela gostaria de participar da dinâmica e ela respondeu que sim e a justificativa dela de ter escolhido o livro foi a seguinte: “Escolhi o livro porque gosto de ler, é uma viagem, eu e o autor conversando. Gosto mais de auto-ajuda, suspense também gosto, não sou de romance”.

Percebeu-se que se encaixava perfeitamente perguntar se o objeto que cada uma escolheu era coisa de homem ou de mulher no intuito de aprofundar as construções identitárias (seu lugar no mundo) e as suas relações. Assim, a primeira a responder foi Girassol: “com certeza panela é coisa de mulher, quem tem que fazer isso é a mulher. Se a mulher não quer ter esse compromisso então não casa”. Um marcador importante que ocorreu com a chegada de Gardênia, pois ao ouvir a resposta de Girassol quando disse que panela era coisa de mulher, ela disse: “pois eu não sei cozinhar, não nasci pra isso, odeio tentar cozinhar qualquer coisa,



IV CINTEDI Congresso Internacional de Educação Inclusiva

V JORNADA CHILENA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

minha praia e ler”. Girassol por sua vez respondeu: “se a mulher não sabe cozinhar então não casa, não pode deixar o marido sem almoço e janta”. Foi aí que Gardênia redarguiu: “pois se depender de mim ele tem que aprender a cozinhar porque ele tem mão também então pode aprender”. A segunda foi Margarida: o celular é coisa de homem e de mulher, todo mundo usa. A terceira foi Violeta: “a boneca é coisa de mulher porque faz a mulher aprender a cuidar do filho, faz a mulher ser mais cuidadosa e existem diferenças grandes entre homem e mulher. A mulher é mais cuidadosa, mais carinhosa, o homem tem mais responsabilidade, tem que trabalhar, sustentar a família, mas isso quando não faz o filho e vai embora”. A última foi Gardênia: “o livro é unissex, é pra homem e pra mulher, o livro é pra conhecer coisas que você não conhece e pra desenvolver a escrita é muito bom”.

Por fim, foi realizada a *dinâmica da caixinha* que simbolizava um presente que uma daria para a outra. Foi explicado que elas iriam escolher uma mãe para dar o “presente” que seria um elogio, palavras carinhosas, de incentivo para assim tentar aproximar as pessoas que participaram, na manutenção ou formação de laços sociais naquele espaço, tentar acolher os sentimentos envolvidos diante daquelas falas naquela tarde, as mães-cuidadoras pediram que o grupo condutor iniciasse e assim foi feito entre os integrantes facilitadores dirigindo elogios, palavras de incentivo, de carinho e de admiração uns aos outros. Em seguida, as mães-cuidadoras seguiram da mesma forma escolhendo a participante escolhida para presentear com palavras como: “eu admiro muito você, você é muito forte, tem muita garra”; “te conheço já faz muito tempo, sei das suas dificuldades, mas sei também que você é forte e que vai dar certo no final”; “sempre costumo falar pra todas as meninas que apesar das dificuldades, há sempre um novo dia e é isso que te digo: amanhã é um novo dia e as coisas vão dar certo”, etc. Por meio desse movimento notou-se que haviam possíveis identificações ali que causavam compartilhamento de afetos e apoios que poderiam ser estimulados e trabalhados.

Somando-se a isso, tem-se o fato de que ao falarem se os objetos escolhidos eram coisa de homem ou de mulher ou até mesmo ao falarem o motivo que as levou a escolher o objeto elas acabaram por se colocar no mundo, delimitar qual era o seu papel enquanto mulher e qual era o papel dos homens (o qual foi definido pelo papel que para elas o marido exercia). Portanto, tem-se como exemplos de falas que demonstram isso: “cozinho para meu marido”, “[o celular] é como se fosse meu marido. Posso contar as coisas pra ele e ele não reclama, ele me ouve”, “hoje sou mãe, cuido dos meus filhos, meu marido trabalha fora e sustenta a casa e eu cuido dos meus filhos”, “se a mulher não quer ter esse compromisso [cozinhar] então não casa”, “pois eu não sei cozinhar, não nasci pra isso, odeio tentar cozinhar qualquer coisa, minha praia é ler”, “a boneca é coisa de mulher porque faz a mulher aprender a cuidar do

filho, faz a mulher ser mais cuidadosa [...] o homem tem mais responsabilidade, tem que trabalhar”. Nesse sentido, encarnando a ideia de gênero enquanto desigualdade social, no sentido de que há diferenças entre os gêneros partindo das interações sociais diretamente ligadas às relações de poder, tem-se segundo Scott (1995 apud Galinkin; Ismael, 2011, p. 503), a ideia de gênero enquanto construção social que demarca modelos, comportamentos e atributos a fim de instituir o que caracteriza o feminino e o masculino.

Frente a isso é inegável que tais problemáticas trazem à tona um alguém que é identificado numa composição social e cultural já modalizado em um ser através de um discurso que controla, regula, normatiza, institui, enfim, parece tentar dominar pelo corpo ou no corpo. Assim, a influência que fatores macro exteriores a elas e concernentes à própria cultura na qual elas vivem terminam por se introjetar nos discursos delas, bem como nos modos como elas dão sentido ao mundo e às suas condições existenciais enquanto mulheres. A saber, até certo ponto apresenta-se no discurso de algumas delas o que Badinter (1985) destaca como sendo na cultura ocidental o papel atribuído à mulher como sendo acima de tudo ser esposa e mãe. Assim, “para que uma mulher cumpra a sua vocação, é preciso que seja mãe, não como outrora, de maneira esporádica e irregular, mas constantemente, vinte quatro horas por dia” (BADINTER, 1985).

Adicionando-se aí o fato de que na maioria dos casos os familiares que acompanham os usuários do serviço são a mãe ou a avó o que demonstra um reflexo da desigualdade entre os gêneros, já que é incumbido à mulher essa tarefa colocada como sendo “natural” à sua condição. Exigindo muitas vezes que essas mulheres para desempenhar o papel de cuidadora, deixem a sua vida social, profissional e pessoal em segundo plano, podendo sofrer sobrecarga física e emocional.

Portanto, diante da problematização de um dos aspectos presentes nas falas de algumas integrantes do grupo de mães-cuidadoras mostra-se importante trabalhar a subjetividade delas no que concerne aos papéis que elas ocupam na sociedade e que, grosso modo, terminam por justificar que são elas que devem cuidar dos filhos, de que é o dever delas.

Valendo destacar que esse lugar que elas ocupam de mulher e de mãe cuidadora traz à tona o lugar que elas ocupam no mundo, faz parte da subjetividade delas. Para tanto, mostrou-se importante continuar conversando sobre suas condições no que concerne ao próprio modo delas de existir e através disso despertar em conjunto com elas um espaço para se resgatar as suas identidades quanto ao ser mulher e quanto ao que cada uma, através dos papéis que desempenha no dia-a-dia e nas relações interpessoais e intergrupais de modo a refletir sobre isso.

Foi avaliado enquanto grupo de facilitadores os próximos passos a serem desempenhados a partir da realização do planejamento e da avaliação dos momentos até então vivenciados. Surgiram questionamentos se seria necessário dar ênfase na próxima atividade ao dia internacional da mulher (oito de março), como conclusão, houve o entendimento de que não desviaria das temáticas que vinham sendo discutidas, porém seria importante perceber quais as limitações e potencialidades que surgiriam para tentar amarrar o momento com algum significado que servisse ao fortalecimento das identificações entre seus membros.

Desse modo, a sistemática do *terceiro momento* se deu da seguinte forma:

1. Atividade “Quebra-gelo”
2. Dinâmica da caixa com espelho- “Nesta caixa há alguém muito importante a quem hoje quero dizer algo...”
3. Com as falas surgiram formas de acolhimento ao outro, por meio de palavras e abraços (individuais e coletivos) e com isso a “Identificação de problemas”. Valendo destacar que tais formas de acolhimento surgiram espontaneamente do próprio grupo
4. Sequencialmente foram realizadas intervenções que levassem a formas de lidar com o problema “Qual(is) forma(s) de lidar com as dores e o sofrimento?”
5. O cartaz foi apresentado como um produto do grupo e para o grupo, alguns significados e sentidos foram discutidos.

Destaca-se que devido às comemorações alusivas ao dia internacional da mulher a instituição disponibilizou lanches coletivos para as mães-cuidadoras e para as crianças e adolescentes. Bem como tinha separado vídeos e mensagens. A instituição, na figura da psicóloga, da assistente social e da coordenadora geral foram extremamente flexíveis e a partir de uma conversa prévia pouco antes da ação houveram negociações e acordos para realização da atividade que envolvesse todos, incluindo os estagiários de psicologia que gentilmente aceitaram se envolver com a atividade.

O momento do quebra-gelo foi conduzido de forma semelhante à primeira intervenção, algumas mães-cuidadoras participaram, muitas delas estavam participando pela primeira vez das atividades em sala de espera. No total, eram 17 mulheres e 12 crianças. Porém, a atividade ocorreu com este número oscilando. Após a apresentação do grupo iniciou-se a dinâmica da caixa com espelho a fim de possibilitar discussões sobre a importância de cada uma. Surgiram os seguintes comentários:

Mãe-cuidadora 1: “Essa pessoa é muito importante, a cada dia que passa aprendo mais com ela e hoje essa pessoa tá um pouco triste, porém, a cada dia que passa a gente e estou

feliz por estar aqui”. (demonstrou surpresa e alegria). Mãe-cuidadora 2: “Como é linda, é muito linda e especial, quem vai ser a próxima?” (demonstrou surpresa e contentamento). Mãe-cuidadora 3: “É maravilhosa” (demonstrou evitação, tristeza, se emocionou, começou a chorar e decidiu não falar mais nada). Mãe-cuidadora 4: “Bem que eu disse que o negócio era sério, ouço tanto falar dessa pessoa, falam tanto o que ela é, mas nunca fiz uma autoanálise. O que sinto dessa pessoa é que o coração dela é bem generoso, ajuda a todos e defeito todo mundo tem”. (demonstrou surpresa e alegria). Mãe-cuidadora 5: “pessoa muito especial, lutadora, guerreira, às vezes está pra baixo, tem dia que tá triste, tem dia que tá alegre. Eu acho essa pessoa muito especial”. Mãe-cuidadora 6: “Acho que abri a caixa ao contrário... essa pessoa é especial, batalhadora e digo para as mães: não há choro que dure para sempre e a alegria vem sempre pela manhã”. Mãe-cuidadora 7: “é guerreira, sofredora, é tanta coisa, é muito importante para minha filha”.

Diante das falas e da emoção uma mãe foi abraçada pela mediadora e outras mães também o fizeram, e dali surgiram mais falas que trouxeram fragilidades individuais e as trocas de abraços começaram a envolver mais e mais pessoas, “era o momento do abraço coletivo” o qual iniciou-se de forma espontânea entre elas. Foram realizadas intervenções pelo grupo condutor a fim de produzir algo que marcasse aquele momento por meio de uma construção coletiva e buscasse trabalhar a identificação do grupo e possíveis maneiras de ressignificar qualquer fragilidade exposta. Assim, foi proposto que cada uma indicasse uma ideia que ajudasse a si mesma e/ou o grupo a lidar com as aflições.

A atividade foi conduzida reforçando que o momento em questão era uma produção do grupo e para grupo. As palavras e os desejos que colocados por elas foram: “ter fé, procurar apoio, dedicar mais cuidado a si mesma, buscar cuidados médicos e profissionais quando precisar, fortalecer os vínculos, arranjar estratégias para conseguir certa independência financeira (ganhar dinheiro), ter mais paciência, ajudar o próximo, mais amor e carinho, respeito, confiança, mais abraços”.

Para otimizar a questão do tempo e até certos limites da escrita, o grupo condutor escreveu no cartaz o que estava sendo dito pelas participantes. Ao término, o cartaz foi exposto e foi perguntado quais seriam os significados daquelas mensagens para cada uma e para aquele grupo, além de indagar sobre qual era a avaliação delas com relação a esse tipo de ação? As falas difundiram a necessidade de resgatar esse tipo de momento, pois ali era possível para elas encontrar apoio, pois todas passavam por dificuldades e ali haviam identificações possíveis que geravam o fortalecimento delas. Discutiui-se a importância desse tipo de intervenção, foi então quando elas destacaram como a denominação “as guerreiras”

tinha sentido para elas e as representava, além disso foi dito como momentos assim eram importantes por proporcionar trocas de experiências.

Diante dessas intervenções percebeu-se elementos que são da ordem dos afetos seja pelas identificações geradas por meio das histórias compartilhadas, pelo lugar que compartilham ou outros atravessamentos que impulsionam apoio nos espaços físico e sociais ocupados por elas. Salienta-se que é a partir dos afetos e das paixões que é possível ao sujeito romper a servidão e alcançar a liberdade (ESPINOSA, 1983). Sendo por meio da dimensão das afetividades que se produzem as consequências sociais (VYGOTSKY, 2004; VYGOTSKY 2009). Possibilitando reconhecer assim que suas identidades pessoais perfazem o escopo de um grupo ante ao que é compartilhado, porém sentirem-se parte da comunidade/grupo versava em unificar a diversidade a partir do próprio *fazer-se* do grupo em si.

Assim, o ser mãe de um filho especial passa a ser o elemento fundamental da identidade pessoal e social de tais mulheres tomando para si todos os aditivos e encargos que tal figura adita. Essa constatação corrobora com Ribeiro, Yamada e Tavano (2007) quando acompanharam as vivências de mães de crianças com deficiência auditiva em sala de espera de um serviço de pesquisa e assistência à saúde. Lá, a configuração que identificou o grupo por meio da convivência das mães foram as vivências semelhantes, ajuda mútua, educação e aprendizagem, insegurança na sala de espera. E estes mesmo componentes foram apontados como oportunidades de fortalecer e apoiar a população atendida do serviço em questão.

Frente a isso, as falas direcionadas a uma identificação vinda pelo ser mãe de um filho especial é também reconhecer-se nos muitos desafios do cotidiano e encontrar outras pessoas com histórias semelhantes. Isso foi percebido desde a primeira ação realizada. Principalmente na medida em que elas falavam do objeto escolhido, de seus maridos, do papel social que elas ocupam em suas vidas, de seus filhos (os que são especiais e os que não são), enfim, ao escolher o objeto, elas terminavam por falar de si mesmas. Como também no segundo dia de intervenção pela forma de acolher e cuidar delas.

Sequencialmente foi passado um vídeo que se referia a uma mulher forte e diversa, ressaltando a sua importância no mundo. Depois desse momento houveram agradecimentos, mais abraços coletivos e individuais.

Outro elemento importante que foi verificado é o cuidado que se pode ter em sala de espera, seja profissional ou não, pois ali várias mães-cuidadoras ficam aguardando esses atendimentos, observando-se uma troca de informações entre as pessoas de maneira espontânea. E às vezes, essas informações são esclarecedoras ou, por outro lado, acarretam ansiedade, expectativas e dúvidas, que, apesar de interferirem no processo de atendimento,

nem sempre eram contempladas (RIBEIRO, YAMADA, TAVANO, 2007). Esta reflexão posiciona o grupo mediador enquanto um coletivo que adentra no mundo dessas mulheres buscando promover cuidado, respeito e apoio entre elas.

Corroborando com isso faz-se importante provocar para a reflexão sobre a articulação entre a teoria e a prática de modo a discutir sobre o que foi vivenciado a partir da citação abaixo:

A teoria em si [...] não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e, em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências [...] uma teoria só é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação (Sánchez Vázquez, 1977, p. 206-207)

A partir dessa discussão, reflete-se sobre as intervenções em seus processos, no grupo mediador e no grupo de mães, destacando o papel primordial das pessoas com as quais se propôs estar com e para, pois foram elas que guiaram os rumos do trabalho desenvolvido. Do primeiro ao último encontro houveram momentos desafiadores, mas de significativa aprendizagem e perguntas surgiram (Como? Pra que? Porquê? O que precisa?), mas todas levavam a uma máxima sobre trabalhar com grupos: é preciso ouvir primeiro.

No tocante às avaliações tanto do grupo de mulheres como do próprio serviço, conversou-se após a realização de cada atividade a fim de receber um *feedback* da equipe de psicologia e do serviço social da instituição em questão, bem como do grupo de mães. As impressões passadas foram positivas tanto da forma que o trabalho foi conduzido quanto dos elementos que surgiram após as conversas. Percebeu-se que surgiram demandas como a vontade das mães-cuidadoras de que o grupo voltasse a ter acompanhamento de profissionais da instituição, logo ficou evidente uma fragilidade na manutenção quando as ações eram advindas de estagiários ou pessoas que não ficariam por muito tempo na instituição, mesmo que cada vivência tivesse seu valor.

Foi discutido com a administração e com os estagiários, a importância de retomar o referido grupo de mães, o qual há algum tempo não vinha sendo trabalhado nem por estagiários e nem pela equipe de psicologia e de serviço social. Portanto, foi apresentado pelo grupo condutor enquanto um dos resultados das intervenções realizadas, a demanda citada que poderia ser trabalhada pela instituição e absorvida também pelo próximo grupo de estagiários

de psicologia que é trocado a cada novo período. Ou seja, a importância desses elementos faz jus a uma aprendizagem problematizadora da prática, do lugar ocupado pelo grupo facilitador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das peculiaridades e das características aqui apresentados a partir de um viés que relacionou e discutiu questões concernentes à teoria vista em sala de aula e a prática vivenciadas nas ações realizadas, conclui-se a importância da realização de intervenções desse tipo no serviço em questão.

Se fazendo sumamente importante destacar quanto à natureza de determinados problemas observados e problematizados através das visitas e do relatório em questão, como dizendo respeito a questões sociais estruturais. Implicando aí em serem de difícil solução devido ao fato imperante de dizerem respeito à cultura e costumes, ou até mesmo a políticas de Estado. Apresentando-se como solução, somente um trabalho a longo prazo tendo como cerne a educação como sendo capaz de causar uma transformação tanto da política interna quanto externa do país, tendo como ator importante em tal mudança social, a atuação da psicologia em tal processo.

Nesse contexto, percebe-se então a importância ímpar que a atuação do psicólogo em sala de espera pautada pela educação popular tem diante das mães de crianças e adolescentes especiais, bem como da facilitação e mediação das potencialidades e da autonomia desses sujeitos tidos como especiais e também da garantia dos direitos dos mesmos.

Sendo dessa forma, necessária uma prática contextualizada do profissional de psicologia, contemplando para tanto uma prática pautada em embasamento teórico aliado ao compromisso social com seu trabalho e a abertura de se trabalhar em equipe de forma interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, 370p.

BECKER, Ana Paula Sesti; ROCHA, Natália Lorenzetti da. Ações de promoção de saúde em sala de espera: contribuições da Psicologia. *Mental*, Barbacena, v. 11, n. 21, p. 339-355, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272017000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 jun. 2020.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. Metodologia da problematização: uma alternativa metodológica apropriada para o Ensino Superior. *Revista Semina*, Londrina, v. 16, n. 2, p.9-19, out. 1995. Ed. Especial.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. (Org) Metodologia da problematização: fundamentos e aplicações. Londrina: Editora da UEL/INEP, 1999.

ESPINOSA, Baruch de. Ética (M. Chauí, trad., Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido, 23 ed., 1994.

GALINKIN, A. L.; ISMAEL, E. Gênero. In: CAMINO, L.; TORRES, A. R. R.; LIMA, M. E. O.; PEREIRA, M. E. (org) Psicologia Social: temas e teorias. Brasília: TechnoPolitik, 2011, p.503- 557.

RIBEIRO, Sandra Fogaça Rosa; YAMADA, Midori Otake e TAVANO, Liliam D'Aquino. Vivência de mães de crianças com deficiência auditiva em sala de espera. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte) [online]. 2007, vol.13, n.1, pp. 91-106. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682007000100006&lng=pt&nrm=iso. acesso em 06 julho 2020.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. Filosofia da práxis. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SILVA, Gabriel Gonçalves Serafim et al. Um momento dedicado à espera e a promoção da Saúde. *Psicologia Ciência e Profissão*, 33 (3), p. 1000-1013, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. Teoria de las emociones: Estudio histórico-psicológico (J. Viaplana, trad.). Três Cantos, Madri:Ediciones Akal, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. Imaginação e criação na infância (Z. Prestes, trad). São Paulo: Editora Ática, 2009.

ZANOTTO, Maria Angélica do Carmo; ROSE, Tânia Maria Santana De. Problematizar a própria realidade: análise de uma experiência de formação contínua. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 29 (1), p. 45-54, 2003.